

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## TRAJETÓRIA DE VIDA E DISCURSO TORCEDOR: REPRESENTAÇÕES DA RAÇA RUBRO-NEGRA

Juliana Nascimento da Silva

Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ

[ns.juliana95@gmail.com](mailto:ns.juliana95@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos dos componentes da torcida organizada Raça Rubro-Negra no que diz respeito às categorias manejadas para compor seu conjunto simbólico e relacioná-los com os debates sobre criminalização das torcidas organizadas e relacionamentos com a mídia. Para tanto, a história oral de vida se mostrou uma rica ferramenta de identificação das demandas discursivas dos agentes envolvidos no trabalho, expondo as complexidades do microcosmo torcedor e das disputas de representação.

**Palavras-chave:** história oral de vida; torcida organizada; Raça Rubro-Negra.

Componente da vida social, a produção de discursos, escorada na dialogicidade entre locutor e interlocutor, é atravessada pela lógica de produção e recepção de uma representação sobre o que se fala. Desse modo, os discursos operam enquanto prática ideológica, porque ao mesmo tempo em que se produz uma representação sobre elementos ou grupos sociais, distintas interpretações são formuladas, impactando a percepção sobre os agentes do corpo social de modo essencial. Isto é, a produção dos discursos corresponde às disputas de constituição dos parâmetros representativos que, por sua vez, apontam para a essência do objeto analisado.

Mais que mera reflexão, a produção de discursos se estabelece enquanto parte constitutiva da construção de significados sobre determinados agentes ou grupos sociais através do empreendimento de atribuições de signos “e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Ou seja, a produção de discursos extrapola o aspecto da fala e alcança as possibilidades de constituição da essência de agentes ou grupos sociais através do estabelecimento de representações que, segundo Fairclough, tem um aspecto tridimensional:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Qualquer “evento” discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do “texto” cuida da análise linguística de textos. A dimensão da “prática discursiva”, como “interação”, na concepção “texto e interação” de discurso, especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual – por exemplo, que tipos de discurso (incluindo “discursos” no sentido mais socioteórico) são derivados e como se combinam. A dimensão de “prática social” cuida de questões de interesse na análise social, tais como as circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a natureza da prática discursiva e os efeitos constitutivos/construtivos referidos anteriormente. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

A qualidade tridimensional do discurso anunciada por Fairclough vai na direção da complexificação dessa prática no bojo da sociedade ao instituir seu papel na construção de processos caros à formulação de identidades. A transmutação de indivíduo a sujeito social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22), alicerçado sob um conjunto de símbolos que foram atrelados a si, tem na interação do texto apontada pelo autor um processo de significação do discurso, que contribui para formular os efeitos do mesmo na realidade. A defesa do autor converge, desse modo, para a assertiva de que a conexão entre discurso e realidade se dá de forma ativa, em que tal nexos é vislumbrado através dos impactos na afirmação ou negação de pressupostos e perspectivas sobre dados agentes ou grupos sociais.

O processo de construção e delineamento da representação das torcidas organizadas pelos meios de comunicação não é isento de complexidades. Embora o reforço do estigma a partir da violência no trato das agremiações torcedoras tenha se tornado uma constante, os elogios às práticas festivas nas arquibancadas não foram debelados das abordagens.

A Raça Rubro-Negra, torcida organizada fundada sob os pressupostos de ruptura com prerrogativas menos festivas de torcer, ao longo de sua existência, ancorou sua representação no fomento do espetáculo como elemento disjuntivo tanto no seio do microcosmo no qual está inserido, quanto para sua recepção na sociedade mais ampla. Ainda que os enfrentamentos corporais e a participação em conflitos tenham sido incorporados como características nas relações de sociabilidade entre agremiações, a categoria festa permaneceu no discurso de seus componentes, como capital simbólico preponderante de sua identidade.

Nesse sentido se, por um lado, a década de 1990 ficou marcada sobretudo pela abordagem criminalizante das torcidas organizadas, processo exponenciado pelo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

recrudescimento dos enfrentamentos, entrada das armas de fogo nos conflitos e expansão territorial das mesmas, a outra face da abordagem dialoga com a invisibilização da autoria das festas nas arquibancadas em prol da dissipação da mesma como impulso por toda coletividade presente no estádio, entre torcedores organizados e não-organizados.

Autorreferenciada como “torcida diferente” pelo caráter festivo, a Raça Rubro-Negra, ao longo das décadas de 1980 e 1990, viu tal significado ser esvaído em função não apenas dos atos contedores, mas também pelo protagonismo no espetáculo nas arquibancadas ser exaurido em função do não despendimento da autoria. Em distintos momentos dos anos 1990, a Raça Rubro-Negra teve aparições elogiosas no jornal *O Globo* (1992, p. 60; 1995, p. 5; 1999, p. 36); entretanto, embora suas faixas balizando seu território no Maracanã estivessem evidentes, o incremento da exibição festiva no estádio não mencionou sua elaboração. A construção textual das reportagens diluía a produção da Raça em função da participação de todo o público presente.

O manejo das abordagens da mídia que tangem o universo das torcidas organizadas, exponenciadas na Raça por ser uma torcida cimentada na categoria nativa de festa, dialoga com uma perspectiva espetacularizante, tanto em cenários incrementados por alegorias para embelezar as arquibancadas, quanto nas situações de enfrentamento vivenciadas pelas agremiações – mas não apenas por elas.

A conjunção dos debates – a diluição da autoria e a estigmatização das torcidas organizadas – atrelada à lógica espetacularizante, em que “os meios de comunicação realimentam tais ocorrências na forma de “espetáculos”” (TOLEDO, 1994, p. 101), estiveram em consonância com o projeto de modernização do futebol, tendo como pontapé mais intenso a formação da Copa União em 1987 e a consolidação de demandas liberalizantes através das leis Zico e Pelé, de 1993 e 1998, respectivamente. As reivindicações por medidas mais repressivas no trato das torcidas organizadas na década de 1990, por sua vez, demonstraram a idealização do novo torcedor para os estádios: o torcedor não-organizado sob o viés familiar:

Animado com as transformações do futebol proporcionadas pela Lei Pelé e coadunando com as suspeitas da opinião pública que colocavam em xeque a vocação de lideranças das torcidas organizadas, setores do poder público estadual se voltaram para o incremento de outra modalidade torcedora que, despolitizada em seus propósitos, repatriaria noções mais conservadoras do torcer, fortemente atreladas às dinâmicas do poder como indutores de uma

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

nova disciplina esportiva para a prática torcedora nas arquibancadas.  
(TOLEDO, 2012, p. 149 e 150)

A disciplina almejada, por sua vez, estava ancorada na busca de uma racionalidade convergente com o projeto de modernização do futebol. Os torcedores organizados, tomados pelo estigma dos enfrentamentos e da violência, estiveram imersos na recepção de suas práticas enquanto sintoma de irracionalidade. Embora a previsibilidade dos momentos contadores com a premeditação das brigas, ancoradas em lógicas simbólicas no microcosmo das mesmas (HOLLANDA, 2008, p. 5), o discurso de eficiência impulsionou debates como a extinção das mesmas, tendo como exemplo Inglaterra e, após 1995, São Paulo.

As medidas tomadas por Inglaterra e São Paulo na segunda metade dos anos 1990, passaram a servir como posturas exemplares para o estado do Rio de Janeiro. No entanto, embora os índices de brigas tenham sido reduzidos no interior do estádio, o corolário das ações foi a ocorrência de situações contendoras em distintas áreas do espaço urbano e a subestimação do problema (LOPES, 2012, p. 63).

Isto posto, o entrelaçamento dos debates mencionados expõe o caráter invisibilizador do trato da mídia e das autoridades públicas destinados às torcidas organizadas do Rio de Janeiro, tendo como expoente a Raça Rubro-Negra. Apropriadas como entrave para o processo de modernização do futebol, intensificado na década de 1990, os discursos de eficiência nas gestões do esporte silenciaram o conjunto simbólico das torcidas, bem como sua complexidade. O impacto na Raça, cujo elemento disjuntivo é a festa, foi um processo de percepção de transformação hermética de suas bases, de onde uma categoria é esvaziada em função da adoção da outra, quando na realidade ambos os elementos são manejados de acordo com os interesses do agrupamento.

No entanto, os discursos de festa entre os componentes da agremiação demandam até os dias de hoje uma relação diferenciada diante de todas as movimentações apontadas nas décadas de 1980 e 1990, no intento de solidificar sua postura de entrega e apoio incondicional.

A história oral de vida, na contramão da busca da verdade precisa, trata as trajetórias individuais, atreladas à perspectiva ampliada, como flutuantes, abdicando da noção de linearidade. Abarcando as possibilidades de transformação em seu trajeto, o método focaliza as posições ocupadas pelo indivíduo ao longo de sua vida, e como cada

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

percurso evidencia a necessidade de deslocamento da ideia de evolução (SILVA & BARROS, 2010, p. 70). A recriação do passado, ainda que esteja vinculada a prerrogativas grupais, indica o processo complexo e individual do relacionamento entre trajetória pessoal e social, que está em constante ajuste.

Nesse sentido, a busca por relatos orais de história de vida se dá na medida em que se busca conhecer os percursos de cada indivíduo, suas experimentações e percepções, bem como suas contradições e construção de representações. Como depoente e interlocutor da pesquisa, Anderson Clemente da Silva, apelidado de Macula, é presidente da Raça Rubro-Negra atualmente, mas sua história com a torcida tem início na década de 1990. Entre distintas posições, variadas entre cargos como monitor, diretor, vice-presidente e a ocupação da presidência no primeiro decênio dos anos 2000, Anderson Clemente da Silva aceitou contribuir com sua trajetória de vida e sua relação assentada nas junções entre o indivíduo e a *persona*.

Seus relatos, além de apresentarem a simbiose entre sua história de vida com a Raça Rubro-Negra, expõem a complexidade no trato dado às representações da torcida, exponenciadas pelo trânsito entre categorias como festa e guerra. Isto é, os discursos sobre violência e impulso ao espetáculo são cambiantes e manejados de acordo com interesses, tanto pelos meios de comunicação quanto no que diz respeito às possibilidades de representação da agremiação.

O entendimento da coexistência entre as práticas de enfrentamento e de embelezamento das arquibancadas rubro-negras, no interior da torcida, são cooptadas por uma forma mais densa a partir do cruzamento entre discursos da torcida – sítio eletrônico, depoimentos de componentes, como os expostos no documentário “O Pulmão da Arquibancada” – com as abordagens pelos meios de comunicação e autoridades públicas, incluindo figuras de renome no microcosmo, como Pelé, mas também as instituições policiais.

As disputas entre discursos, isto é, as diferenças vislumbradas ao longo do capítulo entre as demandas da torcida – de reivindicação do caráter festivo – e as abordagens promovidas pelos meios de comunicação e instituições públicas, ora com uma perspectiva criminalizante ora com a invisibilização do espetáculo nas arquibancadas, é diluída em função da busca pela manutenção dos parâmetros representativos elencados como

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

constitutivos do conjunto simbólico e, por conseguinte, disjuntivo. Nos debates sobre a dualidade festa-guerra na Raça Rubro-Negra, o posicionamento do atual presidente da torcida, Anderson Clemente da Silva, é orientado para um relacionamento pouco desgastado com os meios de comunicação:

A Raça sempre teve uma boa relação com a mídia, porque como é a torcida do espetáculo, sempre procuravam a gente para poder falar sobre as festas que antecediam os grandes jogos, finais de campeonatos... A Raça elaborou gigantes festas, como caricatura de jogador, como papel higiênico, bandeirinhas... Então a relação com a mídia sempre foi bem sintonizada, bem natural, de respeito recíproco, porque era trabalho deles e a gente fazendo o nosso. Então acabava um ajudando o outro. (SILVA, 2021)

Na contramão dos discursos recorrentes entre componentes de torcidas organizadas, que constantemente atribuem aos meios de comunicação sua criminalização perante a sociedade (SANTOS; CAPRARO; LISE, 2004), a relação da Raça Rubro-Negra é pautada em outra perspectiva: o reconhecimento da festa como disjunção diante das demais torcidas cariocas, ao mesmo tempo que na veiculação da mídia a autoria é invisibilizada. Na prática, a tradução dessa alternância de perspectiva se dá na medida em que a festa simboliza a categoria nativa da torcida, símbolo forte e preponderante na agremiação que, de modo explícito e circunscrito, não é veiculada de maneira criminalizante pela mídia.

No entanto, especialmente na década de 1990, as torcidas organizadas, de modo ampliado, passaram por um processo de criminalização de suas práticas e representações que, ainda que não ocorresse diretamente, incrementou o estigma atrelado à violência da Raça Rubro-Negra, que nos anos 1992 e 1993 enfrentou problemas graves envolvendo a agremiação: a queda do alambrado no Maracanã, em que seus componentes estavam presentes, e o atentado em São Paulo ao ônibus da agremiação com bombas de fabricação caseira. Como corolário, ainda que as festas continuassem sendo uma categoria fixada nos parâmetros representativos e práticos da agremiação, as abordagens pelos meios de comunicação reforçavam o tom da periculosidade, além de promover o apagamento dos elementos festivos promotores do espetáculo nas arquibancadas.

A distinção entre os discursos de componentes da Raça Rubro-Negra e nos meios de comunicação, tendo como protagonista na pesquisa as abordagens do jornal *O Globo*, se dão na estratégia e no manejo das categorias diante de seus interesses. A exaltação da

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

festa, demanda explícita da Raça, não encontra vocalização nos meios de comunicação para anunciarem sua autoria, que é dissipada como produção coletiva de todos os torcedores presentes no estádio. Assim, ainda que a torcida organizada seja reconhecida como pulsante nas arquibancadas, a percepção sobre a contenda é reforçada em um discurso mútuo entre jornalistas e público presente.

No último ano da década de 1990, o jornal *O Globo* promoveu uma reportagem com o intento de instruir os diferentes públicos na ida ao estádio: de condutas desejadas a lidar com a presença dos pais, assim como a relação com os ingressos e com possíveis tumultos, a orientação constantemente reforçada convergiu para a necessidade de estar afastado das torcidas organizadas. Com o subtítulo “A torcida organizada dá um show, mas não é bom ficar perto” (1999, p. 4), a diretriz sobre o posicionamento no estádio se deu da seguinte forma: “O melhor lugar: É na arquibancada. Mas longe das torcidas organizadas, que geralmente ficam atrás dos gols. No caso de qualquer confusão começar perto de você, saia de perto na hora” (1999, p. 4).

Em entrevista com jovens que foram ao Maracanã, o reforço por parte do público presente no trato da recepção das representações das torcidas organizadas se dá de forma análoga:

Outro conselho desta moçada é sentar longe das torcidas organizadas – responsáveis pela fama de violência dos estádios. Rodrigo de Souza, de 14 anos, diz que ficar esperto é fundamental:

– E, mesmo longe das organizadas, tem que se ligar. Às vezes, você não tem nada a ver com uma confusão e pode acabar se machucando. (O GLOBO, 1999, p. 4)

A relação diferente assinalada pelos componentes do agrupamento, desse modo, dialoga com o intento de demarcar uma posição categórica alicerçada na festa na coesão grupal, ainda que diante do processo de estigma pelo viés da violência expandido às torcidas organizadas de modo geral. Incrementado pelo discurso de um relacionamento positivo tanto com os meios de comunicação como com as instituições policiais, como o extinto GEPE, o conjunto simbólico da Raça Rubro-Negra recebe um esforço de seus membros para oferecer continuidade à autorreferenciada denominação de “torcida diferente”, pelo incessante apoio, ao mesmo tempo que incorpora práticas de enfrentamento, que ganharam a entonação da premeditação na década de 1990.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A invisibilização da autoria pela mídia, por sua vez, dialoga com o afincado de promover a delimitação do público desejável nos estádios para as partidas de futebol, alicerçados em bases como a racionalização e eficácia características do projeto de modernização do esporte. A coletividade do torcer sob perspectivas burocratizantes, nesse sentido, encontra uma transmutação desejável por tais agentes na ideia de coletivização diluída pela individualidade, em que a dedicação singular constitui o fomento do espetáculo de maneira equivalente.

(...) fixando corpos a lugares, inibindo o contato físico e embotando a plasticidade em gestos seguros e contidos, domínio da privação e do privado. O deslocamento da vontade torcedora – vontade tomada como disposição e comprometimento arrebatador – do corpo para o intelecto tem sinalizado para as transformações mais recentes ocorridas no futebol espetáculo e nas formas de torcer. (TOLEDO, 2010, p. 180)

Isso posto, o processo de modernização do futebol, com suas bases racionais de implementação de logísticas mercantis, implicou na busca por novos perfis de torcedores, em oposição àqueles constantemente vinculados a práticas contendoras. Tendo na violência elemento entrave para os interesses do projeto para o futebol, os torcedores organizados, ainda que reverberem em suas representações a promoção do espetáculo, demanda discursiva principal da Raça Rubro-Negra, resvalavam na rejeição de sua performance e no elogio de um torcer mais contido, oposto ao seu.

A violência, por sua vez, entre os torcedores organizados, não deve ser circunscrita a existência de tais grupos, ao mesmo tempo que não se explica somente a partir de fenômenos exógenos às coerências internas das agremiações. A complexidade do problema se ancora também na anunciada incompatibilidade entre práticas das organizações de torcedores e do projeto de modernização do futebol brasileiro, cujo intento para o público dos estádios converge para novas formas de torcer:

Estas mudanças em torno das manifestações sociais populares devem ser levadas em conta quando são abordados o fenômeno da violência entre torcedores de futebol. O futebol, suas torcidas e seus torcedores “intolerantes” devem ser contextualizados ante estas novas demandas simbólicas impostas pelos processos mais globais de investimento cada vez crescente nos valores de uma individualidade que se estabelece não em função de um estado de bem estar social, mas, ao contrário, a partir de estratégias cujas possibilidades de ascensão e reconhecimento sociais assentam-se em critérios economicamente

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

cada vez mais excludentes, embora a participação política formal tenha se alargado nas últimas décadas no Brasil. (TOLEDO, 2000, p. 259)

O processo de modernização, no que tange às torcidas organizadas por um viés generalizado, no seio da Raça Rubro-Negra encontra repercussão peculiar. Apesar de as organizações de torcedores serem vislumbradas sob o estigma da violência, na Raça Rubro-Negra o impacto do descrédito, entre tantos outros, fomentou a evasão dos significados festivos atreladas a mesma, em que as individualidades almejadas pelo projeto passaram a ser impulsionadas.

A demanda discursiva dessa representação em especial pelos componentes da Raça se mantém de modo firme e consolidado, no entanto, a recepção para uma sociedade mais ampla não encontra correspondência. A conjunção dos fenômenos marcantes referentes ao tema da violência entre torcidas organizadas – o assassinato de Cléo e a batalha campal do Pacaembu – atreladas às situações trágicas do próprio agrupamento – queda do alambrado do Maracanã e a emboscada em São Paulo – operaram como exemplos da periculosidade introjetada na organização desses torcedores, que manejam suas categorias de acordo com seus interesses representativos e performáticos.

Por outro lado, a espetacularização das situações contendoras pelos meios de comunicação, situados no processo de modernização do futebol, demarcaram e reforçaram a imagem do perigo com a veiculação de uma representação atrelada majoritariamente à violência. Considerados empecilhos para a ordenação do espetáculo, as transformações ocorridas no futebol repaginaram a presença do torcedor no estádio, privilegiando o potencial do consumo e da organização:

Ao mesmo tempo, o policiamento tendeu a vigiar mais de perto o comportamento dos torcedores e a punir severamente as transgressões no interior dos estádios e nas suas cercanias. A prioridade é preservar a ordem, garantir a segurança do público que paga para assistir ao espetáculo e construir uma imagem de entretenimento organizado e sadio junto à população, à mídia e aos patrocinadores. (PRONI, 1998, p. 164)

A expansão da presença dos torcedores organizados na década de 1990, exponenciada pela explosão territorial e premeditação dos conflitos, incidiu novos parâmetros de relacionamento e de performance entre os agrupamentos. Inseridos no processo de transformação do futebol-espetáculo, em que são considerados agentes, as

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

agremiações torcedoras visualizaram sua estigmatização pelas autoridades públicas e meios de comunicação expandidos à sociedade, em que seus conjuntos simbólicos e representativos tanto de coesão interna como de estruturação da performance foram circunscritos à criminalização.

A Raça Rubro-Negra, imersa no processo, teve como desdobramento ainda a invisibilização da representação a partir do elemento festa, categoria disjuntiva elencada desde sua fundação em 1977, em detrimento da percepção contendora. A defesa da análise alicerçada na coexistência festa-guerra se dá na medida em que ambas as categorias são manejadas de modos distintos a depender do interlocutor e de seus interesses na situação posta. Assim, a complexidade dos parâmetros selecionados pela agremiação é sublevada para além da redução da caracterização através de atributos individualizados e essencialistas.

## Referências

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. trad. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, p. 22.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **A festa e a guerra: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. 1º ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná – Brasil, 2008, p. 5.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2012, p. 63.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte espetáculo e futebol-empresa**. 1998, p. 164.

SANTOS, Natasha; CAPRARO, André Mendes; LISE, Riqueldi Straub. A invasão no estádio Couto Pereira em 2009: considerações sobre os discursos da imprensa escrita e da torcida organizada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 3, p. 617-625, 2014.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, 2010, p. 70.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de (et al.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro, v. 7, 2012, p. 149 e 150.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-189, 2010, p. 180.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre torcedores de futebol. **Revista USP**, v. 22, p. 92-101, 1994, p. 101.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, 2000, p. 259.